

‘Palacete’ cria conflito social

A proximidade entre as mansões dos empresários de Taguatinga e os barracos e casas simples de imigrantes recém-assentados causou um conflito social em Samambaia que está longe de ser contornado. Planejada em 1982 como uma extensão de Taguatinga, Samambaia deveria ser uma área reservada para o empresariado local. Em 1989, porém, o governador Joaquim Roriz decidiu dividir a área de luxo reservada à classe alta de Taguatinga, criar uma nova cidade-satélite e doar lotes a trabalhadores de baixa renda, com emprego fixo, que moravam há mais de cinco anos no Distrito Federal.

Desde então, os moradores de Samambaia iniciaram um conflito social recheado de cenas de desdém e despeito. Ildaner Martins de Souza, diretora da Escola Classe 120, a mais próxima do setor de mansões, lembra-se, com rancor, que “professores e pais de alunos não têm dinheiro para pagar o ônibus para vir para o colégio”, enquanto os ricos, que utilizam a escola, moram perto. O gerente do Supermercado Itatiaia, José Moura, conta que “o pessoal das mansões está insatisfeito por morar em Samambaia, porque queria morar em Taguatinga”.

O empresário Antônio Malta, dono da indústria de confecção Antônio Malta, sediada em Taguatinga, confirma evasivamente a versão. Ele relata que há “uma insatisfação generalizada daqueles que fizeram investimentos em propriedades vendidas como um setor para empresários de Taguatinga e que hoje são de Samambaia”. Malta alega que a transferência dos lotes para Samambaia somente foi feita após a venda dos lotes e “além do prejuízo patrimonial, trouxe outros ônus, como a falta de assistência e infra-estrutura no prazo prometido”.

“Ainda está muito ruim, não tem asfalto e está tudo muito caro aqui”, corrobora Beth Botelho, funcionária da Telebrásilia e moradora do setor de mansões.